



# GUAIRACÁ REVISTA DE FILOSOFIA

## A FILOSOFIA DA LIBERTAÇÃO DE DUSSEL EM DIÁLOGO COM RICOEUR

RUDIMAR BAREA<sup>1</sup>

**Resumo:** A finalidade deste trabalho é evidenciar a contribuição de Ricoeur para a Filosofia de Libertação em Dussel. O estudo que objetivamos esboçar se trata de uma reflexão fenomenológico–hermenêutica a partir de Enrique Dussel em diálogo com Paul Ricoeur. Na primeira parte do estudo far-se-á uma pequena introdução ao pensamento de Ricoeur dentro do contexto filosófico que o mesmo se insere, com uma pequena apresentação do seu método filosófico de pesquisa. Na sequência apresentar-se-á brevemente a trajetória de vida de Enrique Dussel no contexto histórico emergente de seus primeiros escritos, juntamente com as leituras e ensinamentos que o mesmo tinha da filosofia de Paul Ricoeur. A terceira parte do estudo tem por finalidade descrever em linhas gerais sobre o desenvolvimento da Filosofia da Libertação e o comprometimento filosófico perante as injustiças e a necessidade de uma filosofia que reflita a libertação das vítimas do sistema vigente que gera morte e exclusão.

**Palavras Chave:** Ética. Política. Hermenêutica. Filosofia da Libertação.

**Dussel's Philosophy of Liberation in dialogue with Ricoeur**

---

1. Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) – email: rudi.brs@gmail.com

**Abstract:** The purpose of this paper is to highlight the Ricoeur's contribution to the Liberation of Philosophy in Dussel. The study aimed to sketch it is a phenomenological-hermeneutical reflection from Enrique Dussel in dialogue with Paul Ricoeur. In the first part of the study shall be made-a short introduction to the thought of Ricoeur's philosophical context within which it operates with a short presentation of his philosophical research method. Following will be presented briefly the life path of Enrique Dussel in the emerging historical context of his early writings, along with the readings and teachings that it had the philosophy of Paul Ricoeur. The third part of the study aims to outline on the development of Liberation Philosophy and philosophical commitment against injustice and the need for a philosophy that reflects the release of the victims of the current system that generates death and exclusion.

**Keywords:** Ethics. Policy. Hermeneutics. Philosophy of Liberation.

## RICOEUR E O ENXERTO HERMENÊUTICO NA FENOMENOLOGIA.

Paul Ricoeur é um pensador Francês, que se insere no contexto filosófico da atualidade como um dos grandes pensadores, isso pode ser verificado na quantidade de obras importantíssimas para a reflexão filosófica publicada por ele mesmo, além disso, todos seus seguidores espalhados por vários lugares do mundo, do qual destacamos a figura de Enrique Dussel, que será apresentado posteriormente.

Em guisa de metodologia filosófica, Ricoeur tem como propósito renovar a filosofia pelo enxerto hermenêutico sobre o método fenomenológico, buscando por esse caminho fornecer um sentido aceitável a noção de existência. Para chegar a tal propósito, em primeiro lugar, Ricoeur faz memória à origem da hermenêutica, que, para ele constitui-se antes mesmo da fenomenologia de Husserl.

A hermenêutica, para Ricoeur suscitou dos limites da exegese, que ao interpretar e compreender os textos que podem ter vários sentidos lhe faltaria aspectos de significação. O trabalho de interpretação segundo o filósofo deve superar o afastamento e incorporar a compreensão que o homem pode obter dele mesmo e do mundo. Sendo assim a hermenêutica coloca em jogo o problema geral da compreensão, que para Ricoeur deve permitir à comunicação dos problemas de interpretação aos problemas de compreensão da significação e da linguagem.

Da proposta de Ricoeur é importante destacar as duas operações metodológicas que seguem a hermenêutica em seu processo histórico; a 'via

curta' baseada na ontologia da compreensão à moda Heidegger, cujo problema hermenêutico torna-se um domínio do ser que existe compreendendo (essa via leva como objeto o enfoque da semântica); e a 'via longa', que segue as exigências linguísticas da semântica e da reflexão ao nível de uma ontologia da compreensão.

Para responder as exigências dessa ontologia da compreensão (via curta), Ricoeur diz: "É necessário, pois, que saíamos do círculo encantado da problemática do sujeito e do objeto, e nos interroguemos sobre o ser" (1978, p. 10). Uma análise que segue do ser que existe e o seu modo de compreender.

No plano semântico (via longa), Ricoeur procura o eixo de referência para todo o conjunto do campo hermenêutico, isso por que o campo da semântica tem uma dupla delimitação: o lado simbólico e o lado da interpretação. No lado simbólico é preciso determinar à estrutura comum as diversas modalidades de expressão simbólica, e, estes critérios são inseparáveis de um estudo da interpretação. Os problemas colocados pelo símbolo refletem-se na metodologia da interpretação e a função crítica da semântica é mostrar de que maneira cada método exprime a forma de uma teoria.

No plano reflexivo (extensão da via longa), Ricoeur se pergunta como reintegrar à semântica na ontologia, o elo entre a compreensão dos signos e a compreensão de si, que só se dará mediante a compreensão do outro. Por este caminho que Ricoeur propõe a hermenêutica como um enxerto fenomenológico, transformando-a, justificando uma nova dimensão da existência. No plano reflexivo se faz necessário compreender o que significa o Si da compreensão de Si o qual só pode ser recuperado para Ricoeur por duas razões: Fazendo uma crítica ao cogito cartesiano entendendo pela reflexão que é o nosso esforço de existir e o nosso desejo de ser e atestando a reflexão nos documentos da vida elevando a consciência através de uma crítica corretiva da má compreensão.

Ricoeur busca extrair fundamentos ontológicos da análise semântica e reflexiva reconhecendo a psicanálise como uma disciplina filosófica ou do filósofo. E a psicanálise deveria nos levar a perguntar-se; como a ordem das significações está incluída na ordem da vida? Ricoeur responde que a existência é o desejo e o esforço de existir. Contudo a etapa existencial transparece na arqueologia da psicanálise que descobre a existência do desejo; uma arqueologia do sujeito e da Fenomenologia do Espírito de Hegel aonde a consciência é levada para fora de si para um sentido em marcha que cada etapa é abolida e retida na seguinte.

# ENRIQUE DUSSEL E A FILOSOFIA DA LIBERTAÇÃO

Enrique Dussel nasceu no dia 24 de dezembro de 1934 na cidade de La Paz, na província de Mendoza, na Argentina. Chega ao México em 1975, como exilado político e, atualmente, é um cidadão mexicano, professor emérito da Universidad Autónoma Metropolitana do México. Seu trabalho está concentrado no campo da Ética, da Filosofia Política, ambos os temas sempre relacionados no viés da Filosofia da Libertação em diálogo com a tradição histórica de filosofia. É na perspectiva da Filosofia da Libertação que Dussel destaca-se como um importante filósofo contemporâneo. Enrique Dussel tem como marca pessoal a insatisfação com a realidade do povo oprimido. Nesse caminho encontra como problema filosófico dois princípios elementares que em sua opinião precisam ser discutidos: O primeiro é a destruição ecológica do planeta, já que, desde a sua origem, constituiu a natureza como um objeto explorável com vistas a aumentar o lucro do capital, sendo a natureza só um meio de produção, pondo em perigo a reprodução e o desenvolvimento da própria vida. Em consequência, o segundo limite da modernidade é a destruição da própria humanidade: tomando do homem o trabalho vivo como mediação do capital, extingue a própria vida humana na miséria e na fome da maioria da humanidade, e, por isso a ética deve emergir como eixo basilar das novas relações, assim como diz Dussel:

A ética da libertação reflete filosoficamente a partir desse horizonte planetário do Sistema-Mundo; a partir deste duplo limite que configura uma crise terminal de um processo civilizatório: a destruição ecológica da vida no planeta e a extinção da própria vida humana na miséria e na fome da maioria da humanidade (2007, p. 66).

É a partir deste horizonte que Dussel irá sugerir a ética da libertação como reflexão e problematização sobre os limites que põe em jogo a produção e reprodução da vida: “o Sistema-Mundo globalizador chega a um limite enquanto simultaneamente exclui o Outro, que resiste e de cuja afirmação parte o processo de negação da crítica da libertação” (2007, p. 67). Será preciso ter atitudes crítico-filosóficas, em vista da produção, reprodução e desenvolvimento da vida, a atitude crítica deve apontar os limites que impedem a mesma, valorizando cada sujeito histórico, assim como a comunidade intersubjetiva de vida.<sup>2</sup>

Após esses esclarecimentos iniciais nos determos com muita atenção no diálogo promissor, do qual Dussel realiza com Paul Ricoeur.<sup>3</sup> Para tanto, nos basearemos com mais afinco em dois pequenos textos (em extensão) apresentado como resultado de uma coletânea de artigos organizados por Dussel, justamente com

2. Segundo Candiotti: “A atitude crítica, como ontologia histórica de nós mesmos, está vinculada à tarefa que consiste em apontar os limites históricos em torno da compreensão de quem somos em vista de sua ultrapassagem, da criação de novas modalidades de ser e de viver” (2010, p. 124-125).

3. Nessa coletânea Dussel apresenta 8 artigos, dos quais dialoga principalmente com Karl Oto Apel, Paul Ricoeur e Richard Horty. Dos oito artigos 6 são de autoria do próprio Dussel e os outros dois são as respostas de Apel e Ricoeur.

a proposta de fazer esses diálogos intersubjetivos com os filósofos contemporâneos seus (aqueles de maior expressão segundo Dussel na leitura do pensamento ético contemporâneo).

### **Erique Dussel: Aluno e Leitor de Ricoeur**

Da formação de Dussel, destaca-se o contato direto Paul Ricoeur, que lhe abre caminhos metodológicos através da fenomenologia hermenêutica para o desenvolvimento de seu projeto filosófico. A proposta de Ricoeur com a hermenêutica tem o objetivo de colocar em jogo o problema geral da compreensão, que deveria permitir à comunicação dos problemas de interpretação aos problemas de compreensão da significação e da linguagem. Paul Ricoeur tem como propósito renovar a filosofia pelo enxerto hermenêutico<sup>4</sup> sobre o método fenomenológico, que estava em debate mais fortemente desde o início do século XX com Edmund Husserl.<sup>5</sup> Ressalta-se a importância destas considerações a cerca do método de pesquisa na Filosofia da Libertação, pelas palavras do próprio Dussel:

A “linguagem” filosófica da Filosofia da Libertação em sua origem deve escrever-se dentro da tradição fenomenológica, hermenêutica e dialógica. Parte-se desde o “último Heidegger”, o que se comportava ao tomar como referência o Husserl de “*Lebenswelt*” (mundo da vida cotidiana) e da *Krisis*<sup>6</sup>, todavia demasiado em consideração dentro do “paradigma da consciência”. O próprio George Gadamer o Merleau Ponty, e ainda Paul Ricoeur da época, deviam inscrever-se nesta corrente (1993a, p. 14, grifos do autor).

Traçado o caminho metodológico pelo qual a Filosofia da Libertação deve ser entendida é que partimos para o diálogo que Dussel (importante representante da Filosofia da Libertação) trava em posição hermenêutico-fenomenológico com Ricoeur. Dussel reconhece em Ricoeur a sua filiação, a diferença e possibilidade criadora. Tudo isso é perceptível sabendo que Dussel leu atentamente as principais obras de Ricoeur e assinalava sua opinião como aluno promissor. Relação que Dussel não tem vergonha de expressar, assim como podemos perceber na epígrafe de seu artigo direcionado a leitura das obras de Ricoeur “*Hermenêutica e Libertação*”:

Nossa estratégia argumentativa consistirá em seguir passo a passo o pensamento de Paul Ricoeur (nasceu em valência em 1913), que conhecemos como leitor e aluno seu em *Soborna* desde o começo da década de 1960, para lentamente detectar as diferenças e as possibilidades construtivas de um diálogo mutuamente criador (DUSSEL, 1993a, p. 135).

4. Para maior aprofundamento do método hermenêutico consultar em Paul Ricoeur: “*O Conflito das Interpretações*”.

5. Para consulta indicamos: “*Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica*” e “*Meditações Cartesianas e Conferências de Paris*”. Essas obras constituem o método fenomenológico.

6. Para aprofundamento pesquisar em Edmund Husserl: *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental*

Percebe-se em primeiro lugar o zelo como fala Dussel de seu mestre, respeitando como seu professor, mas também mantendo o vínculo de leitor, com quem busca produzir um diálogo promissor e mutuamente criador. Esse diálogo segue as reivindicações de Ricoeur que questiona a tradição filosófica: “Eu caracterizaria a tradição filosófica que eu reclamo por três características: estar de acordo com uma filosofia reflexiva; permanecer na esteira da fenomenologia husserliana; e querer ser uma variante entre fenomenologia e hermenêutica” (RICOEUR Apud. DUSSEL, 1993a, p. 135). Desta forma, seguindo a sua estratégia argumentativa, Dussel entende que a filosofia de Ricoeur se subdivide em três níveis, a saber;

Do filósofo Frances Jean Narbert, toma Ricoeur sua filosofia renexiva – em primeiro nível – de Husserl, evidentemente, herdara a fenomenologia, praticada de maneira criadora – em segundo nível – Por último, e está é essencial na biografia filosófica do nosso filósofo, subsumi fenomenologia em uma posição hermenêutica que podemos chamar definitiva em Ricoeur (DUSSEL, 1993a, p. 135)

Para Dussel, no entendimento da proposta filosófica de Ricoeur, o movimento *renexivo-fenomenológico* encontra-se nas peripécias da liberdade; do querer, do desejo, do eu vivo, da existência do corpo e isso já se encontra subscrito em sua primeira obra “*Voluntario e o Involuntário*”. O segundo volume da obra de Ricoeur “*Finitude e Culpabilidade*” sobre a contradição entre a infinitude da vontade e a finitude da inteligência exigiriam da filosofia a descrição do patético da miséria, o que posteriormente iria resultar na “*Simbólica do Mal*”, que caracterizaria a passagem decisiva para a hermenêutica ligada à fenomenologia segundo Dussel. Esta passagem tem como projeto a ética, uma política prometida. Com efeito, o movimento renexivo-fenomenológico foi importante ajudando Ricoeur a dar passos sistemáticos para uma filosofia concreta, que considere com mais coesão os desejos, a liberdade, as vivências dos seres humanos em geral.

O segundo passo sistemático de Ricoeur em suas pesquisas se dá com a retomada do trabalho renexivo-fenomenológico para resolver as questões ainda não bem entendidas: “a via longa pela qual retomei de novo o problema, deixei em suspensão ao final da minha obra *Simbólica do mal*, ou seja, a relação entre uma hermenêutica de símbolos e uma filosofia de reflexão concreta” (RICOEUR Apud. DUSSEL, 1993a, p. 136). Nesse aspecto segundo Dussel, Ricoeur procura dialogar com a história e com os grupos numa análise reflexiva e compreensiva do contexto histórico, a partir de uma fenomenologia hermenêutica da linguagem, sempre considerando a influência muito importante de Husserl e Heidegger.

Em Tempo e Narrativa, segundo Dussel, Ricoeur chama a atenção de Husserl e a tradição fenomenológica para a ação, um regresso à aplicação da hermenêutica fenomenológica: “a temporalidade não é permitido dizer em discurso direto de uma fenomenologia, mas requer a mediação do discurso indireto da

narração” (RICOEUR, Apud. DUSSEL, 1993a, p. 137). Abre-se também um campo para uma imaginação criadora que dá abertura para uma utopia ética e política, segundo Dussel. ra. Ricoeur, na interpretação de Dussel não sai do seu “si mesmo”, no entanto, ajuda, mas não efetivamente como diz Dussel:

De todas as maneiras, ao final, a ética (de convicção) e a política (de responsabilidade) sempre sugeridas nos levam a ser construídas – muito menos as econômica, que nunca foi tentada – O sujeito (o ‘si mesmo) pela narração não chega a clarificar-se como sujeito da ação política transformadora, ético libertadora, porém em troca, nos dará um imenso material hermenêutico para a descrição da identidade das culturas, ainda que em nível popular, para o diálogo intercultural, desde uma narratividade cotidiana e poética metafórica e fictícia (1993a, p. 138).

Passamos pelo âmago das Obras de Ricoeur na interpretação de Dussel, com o objetivo de entender de onde emerge a crítica de Dussel e a sua formação que lhe possibilita pensar uma simbólica Latino-Americana, uma possibilidade de origem da filosofia da libertação, uma pragmática hermenêutica econômica, culminando com uma filosofia da pobreza em tempos de cólera. Temas estes, que não entraremos em discussão aqui por que remete a uma grande reflexão proposta pelo filósofo.<sup>7</sup>

## FILOSOFIA DA LIBERTAÇÃO E COMPROMETIMENTO FILOSÓFICO

A filosofia da Libertação é uma filosofia comprometida com os excluídos, com os pobres do mundo, com os movimentos sociais, com aqueles que não têm vez e voz. Enrique Dussel como um de seus representantes, inspirado na vontade de resolver as situações de miséria de seu povo,<sup>8</sup> mantinha contato permanente com Ricoeur, assim como cita, quando lhe pedia sobre as tarefas de um educador político: *“Parece-me que a primeira grande tarefa de estudante é de integrar a civilização técnica universal a personalidade cultural, esta que eu havia definido anteriormente, tem a singularidade histórica de cada grupo humano”* (RICOEUR, Apud. DUSSEL, 1993a, p. 139, grifo do autor). Desde então, Dussel escreve várias obras que seguem o método hermenêutico de Ricoeur, sobre tudo algumas obras de contextualização histórica que acabou por mostrar um choque entre os mundos, a saber; o europeu e o ameríndio, desde

7. Das mais de 70 obras publicadas por Enrique Dussel destaca-se: “Ética da Libertação na idade da globalização e da exclusão” e “Política da libertação I: história mundial e crítica (tomo I) e Política da libertação II: Arquitetônica (tomo II)”.

8. Dussel estava lendo paralelamente as reflexões de Leopoldo Zea que contextualiza a América Latina como um “não ser da história”.

sua colonização, o que vinha a algum tempo preocupando Dussel na elaboração do projeto político filosófico:

O enfrentamento entre dois “mundos”; a dominação do mundo sobre o outro; a destruição do mundo ameríndio pela conquista em nome do cristianismo. Tudo isso colocaria em crise o modelo ricoueriano, apto para a hermenêutica de *uma cultura*, mas não tanto para o enfrentamento *assimétrico* entre várias culturas (uma dominante e outras dominadas) (1993a, 140, grifo do autor).

Dussel reconhece no projeto hermenêutico de Ricoeur embasamento ético e político, porém, este projeto entraria em crise na situação de enfrentamento das culturas, sobretudo nos casos de exploração e dominação. Este fato provoca Enrique Dussel a refletir sobre a ótica da Filosofia da Libertação, da qual é um dos mais atuantes pensadores na área.

Frente aos problemas sociais que teimam em permanecer vigentes no cotidiano da humanidade e não diferentemente nas décadas anteriores, Dussel entendia ser necessário que a filosofia pudesse ajudar a dar maior clareza política aos grupos que vinham se organizando aos poucos. Para responder essas inquietações Dussel recorre a Levinas que mostra o “Outro” escondido pela dominação e desta perspectiva alicerça a Filosofia da Libertação, que para Dussel tem como tarefa descobrir o fato massivo da dominação de uma subjetividade em busca de outra subjetividade, que não parta só da estima do si.

O pobre, o dominado, o índio mascarado, o negro escravo, o asiático da guerra do ópio, o judeu nos campos de concentração, a mulher como objeto sexual, o pequeno abaixo da manipulação ideológica (a juventude, a cultura popular, o mercado abaixo a publicidade) não podem partir simplesmente da “estima do si”. O oprimido, torturado destruído em sua corporalidade sofrida simplesmente grita, clama por justiça (DUSSEL, 1993a, p. 141).

Para Dussel a afirmação do si (do si mesmo), precisa descobrir-se como sujeitos frente a todos aqueles que suplicam por justiça, e, assim reconhece-los. Com efeito, o olhar do si mesmo de Ricoeur, como responsável pode se constituir desde que tenha sido impactado pelo outro, que possa situar o Outro como origem radical de afirmação do “si Mesmo”. Será preciso para Dussel colocar o outro como anterior ao Si, o Si que valida o chamado do outro que proclama por justiça. Essa posição levaria Dussel a fazer uma analogia: “a fenomenologia hermenêutica coloca o leitor diante de um texto. Agora, a filosofia da libertação descobre um faminto perante um não-pão. [...] Ou um analfabeto [...] perante a um não-texto” (1993a, p. 143). Essa analogia preserva seu cunho social muito fortemente e deve ser o comprometimento da Filosofia da Libertação.

Para Dussel existe a necessidade de desenvolver uma nova arquitetura, um projeto que possibilite a produção, reprodução e desenvolvimento da vida humana em sua integridade, do qual pouco a pouco se vislumbra em utopia, ou seja, em um querer possível de alcançar:

Se trata da produção de outra totalidade analógica, constituída com o melhor da antiga e desde a exterioridade do outro. Desde a interpelação do outro, e como sua resposta a afirmação do outro como outro, é a origem da possibilidade da negação da negação dialética (isto é o que denominei o ‘método analético’ ou a afirmação ‘originária do outro’ (1993a, p. 144).

A proposta de Dussel esboçado em suas obras, com a fenomenologia hermenêutica dos símbolos vigentes da história cultural latino americana, requer um novo método de se fazer filosofia em contraposição ao paradigma eurocêntrico,<sup>9</sup> um método que permitisse a irrupção do outro em uma nova ordem vigente. E assim nascia mais fortemente essa vontade política e ética no pensamento de Enrique Dussel, que não se deixou abalar pela situação vivida em sua própria terra, quando foi exilado.

Fui expulso da universidade (1975), me condenarão a morte por “esquadrão paramilitar” deixei a Argentina e comecei o exílio em nova pátria: México. Aqui durante dois meses sem minha biblioteca, por estar na Argentina – de memória -, escrevi a obra filosofia da libertação. Uma época havia terminado para mim. Começava outra (1993a, p. 144).

Esse processo fez com que Dussel entendesse que a Filosofia da Libertação não poderia manter uma posição nacionalista, pois, nesse sentido contradir-se-ia com a proposta inicial de uma filosofia que escute o outro, na sua integridade. Por isso, a proposta de Dussel sempre está relacionada a um Sistema-Mundo, por uma leitura mundial da realidade. Dado que o que se apresentava não se explicava perante a hermenêutica e precisava dar respostas mais claras para as diversas situações de emergência da vida humana<sup>10</sup>:

Em nossa obra *Filosofia da libertação* privilegiamos a relação interpessoal; o que em *speech act* de Austin se chama o momento ilocucionário, ou a ‘ação comunicativa’ propriamente dita por Habermas. Com efeito, desde Levinas, o ‘face-à-face’ se estabelece, ainda que em silêncio (antes da linguagem desenvolvida, em consonância com o ‘princípio de expressabilidade’ de Searle). O ilocucionário é o ‘cara-a-cara’

9. Conferir em Dussel: *Método para uma filosofia da Libertação*. São Paulo: Loyola, 1986.

10. É de suma importância ressaltar que nesse período Dussel está relendo Marx e chama a atenção para uma retomada do verdadeiro “filósofo Marx”, do qual parágrafo, por parágrafo, fazendo uma re-interpretação hermenêutica. Dussel afirma que muitos marxistas esqueceram-se de ler Marx pelo viés filosófico o que acarreta em grandes percas da sua importante e fundamental contribuição filosófica.

de duas pessoas, ou muitas, ou de uma comunidade. É o que denominamos 'proximidade' (1993a, p. 146, grifo do autor).

Dussel entende que a realidade precisa mudar, desde a hermenêutica de Ricoeur. É preciso diferenciar o que é análogo ao uso/consumo, usuário/consumidor, produto/mercado. É preciso analisar qual é a relação que o indivíduo encontra na sociedade, e sair da mera mediação proposta por Ricoeur, que não negaria uma determinada alienação, como podemos ver na formulação de Dussel.

A alienação perante o texto consistiria em que o "compreender-se perante o texto" dita compreensão fora alienante, estranha, contra os interesses éticos do leitor. O texto constituiria o leitor como mediação da "coisa do texto", seria manipulação, propaganda. O leitor seria só público, mercado, "seguidor" do conteúdo do texto: mediação instrumental do texto. Da mesma maneira o produto/capital pode constituir o produto trabalhador (o trabalho vivo para Marx) como uma mediação de seu próprio produto (uma coisa): a "valorização do valor" (essência do capital). Desta maneira o criador do texto pode transformar-se em uma mediação da realização social do texto, assim como o criador assim como o criador do valor capital (por plusvalor acumulado) pode transformar-se em uma mediação da realização, ou acumulação de capital. (1993a, p. 148).

Nesse contexto, Dussel faz uma crítica a toda à cultura europeia, que ao colonizar outras nações extinguiram as culturas destes povos por um processo de inculturação, bem como na atualidade a política de desenvolvimento Norte Americana, que complica o processo hermenêutico pela determinação de uma situação de dominação, da práxis de um leitor sobre o outro.

Para uma filosofia da libertação é o *ponto mesmo* de partida da questão "hermenêutica". É dizer, quando a filosofia ricoeuriana parecia terminar seu trabalho, só aí teria começado o da filosofia da libertação. Suas perguntas são: Pode um dominado "interpretar" o "texto" produzido e interpretado "no mundo" do dominador? Em que condições subjetivas, objetivas, hermenêuticas, textuais, etc., pode efetuar-se "adequadamente" tal interpretação? Para Salazar Bondy, em sua obra *¿Existe uma filosofia na América Latina*, a resposta era negativa. Não é possível filosofar em tal situação! Para nós, desde uma filosofia da libertação sim é possível, porém só no caso em que o leitor, interprete o filósofo, este é um processo prático de libertação, tudo isto é tema de uma filosofia e ética da libertação exatamente (DUSSEL, 1993a, 149).

Dussel chama a atenção para uma relação social que o outro (no caso, o faminto, o que sofre preconceito, a mulher explorada em toda a sua dimensão erótica, política e pedagógica, o analfabeto, o marginalizado em geral) venha em primeiro lugar, do contrário (pela mediação), o outro sempre será como um produto, algo já dominado, um ser que não exerce a sua subjetividade, o que então deve provocar uma reflexão analógica, ou pragmática hermenêutica da situação, por isso também a busca em Marx os fundamentos de uma filosofia da libertação.

Filosoficamente, tendo como referência a ontologia hegeliana em seu momento mais abstrato e essencial (no conceito de “realidade”), Marx desenvolve uma “economia” de grande pertinência atual. Hoje, a maioria da humanidade (o Sul, 75% do mundo capitalista, é mundo ex-colonial e periférico), está sumido na “pobreza”: nem tem “condições” para sua “realização”, nem as poderá ter em um futuro próximo por exigências ecológicas. Está sumido na mais “absoluta pobreza” e ainda descenderá a graus de maior miséria. Marx é o único filósofo moderno que tem elaborado “economia” pertinente, ainda que os grandes filósofos europeus-norte americanos (sem reler seriamente a Marx, porque não está na “moda”) tenham declarado um “cachorro morto”. Para a filosofia da libertação não é uma questão de moda, é uma questão de vida ou morte da maioria da humanidade. É uma questão ética radical, de onde se lança na universalidade da razão e no sentido de toda hermenêutica (DUSSEL, 1993a, p. 155, grifo do autor).

A proposta caminha para um dar-se conta da alienação que subsiste, e intersubjetivamente criar uma nova proposta para o avanço da sociedade, desde uma lógica que não exclua as variações existentes entre culturas. Uma proposta que culminaria em uma ética do desenvolvimento da vida, da qual toda a universalidade do pensamento e da razão constituída deveria se lançar, com todas as forças para que o Outro não se esfalesse no Si. Assim é que Dussel lança o desafio da filosofia da libertação.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANDIOTTO, Cesar. **Foucault e a crítica da verdade**. Belo Horizonte: Autêntica Editora; Curitiba: Champagnat, 2010.

DUSSEL, E. **Apel, Ricoeur Rorty y la filosofía de la liberación**. (1993a). Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/otros/20111218052727/APEL.pdf>. Acesso 10 de junho de 2014.

\_\_\_\_\_. **Carta a los indignados**. Colonia santa Cruz México: La Jornada, 2011.

\_\_\_\_\_. **Ética da libertação na idade da globalização e da exclusão**. Trad. Ephraim Ferreira Alves, Jaime A. Clasen, Lúcia M. E. Orth. 3. Ed. Petrópolis - RJ: Vozes, 2007.

\_\_\_\_\_. **Liberación de la mujer y erótica latinoamericana**. Bogotá: Nueva America, 1990.

\_\_\_\_\_. **Método para uma filosofia da Libertação**. São Paulo: Loyola, 1986.

\_\_\_\_\_. **1942, o encobrimento do Outro**. Trad. Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 1993b.

\_\_\_\_\_. **Para uma ética da libertação latino-americana:** acesso ao ponto de partida da Ética. Trad. Luiz João Gaio. São Paulo: Loyola, 1977.

HUSERL, Edmund. **Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica: Introdução geral a fenomenologia pura.** Trad. Márcio Suzuki. Aparecida SP. Ideias & Letras, 2006.

\_\_\_\_\_. **Meditações Cartesianas e Conferências de Paris.** De acordo com o texto Husserliana I; editado por Stephan Strasser; tradução de Pedro M. S. Alves. 1. Ed. Rio de Janeiro: Forense, 2013.

RICOUER, Paul. **O Conflito das Interpretações:** ensaios de hermenêutica. Trad.: Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: IMAGO Editora LTDA, 1978.

\_\_\_\_\_. **Le Temps raconté.** Seuil, Paris, 1985.